

REDAÇÃO 1

Você é um(a) estudante do Ensino Médio na rede pública estadual e soube de um acontecimento revoltante na sua escola: sua professora de Filosofia recebeu ofensas e ameaças anônimas por suposta tentativa de doutrinação política, ao ter iniciado o curso sobre as origens da Cidadania e dos Direitos Humanos modernos com o texto a seguir:

Teócrito e o pensamento

A ninguém, nem aos deuses nem aos demônios, nem às tiranias da terra nem às tiranias do céu, foi dado o poder de impedir aos homens o exercício daquele que é o primeiro e o maior de seus atributos: o exercício do pensamento.

Podem amarrar as mãos de um homem, impedindo-lhe o gesto. Podem atar-lhe os pés, impedindo-lhe o andar. Podem vazar-lhe os olhos, impedindo a vista. Podem cortar-lhe a língua, impedindo a fala. O direito de pensar, o poder de pensar, porém, estão acima de todas as violências e de todas as repressões, que nada podem contra seu exercício. (...) Parece claro que não há abuso mais abominável que o de tentar impor limitações ao pensamento de qualquer pessoa.

Pretender suprimir o pensamento de quem quer que seja é o maior dos crimes. Pois não é apenas um crime contra uma pessoa, mas contra a própria espécie humana, uma vez que o pensamento é o atributo que distingue o ser humano dos demais seres criados sobre a face da terra. (...)

Na vida na cidade, se um homem neutraliza dentro de si o direito de pensar, a cidade pode ser tomada e dominada pela ferocidade de um tirano, cujo despotismo levará o povo à morte pela fome, pela crueldade ou por outras formas de injustiça e prepotência. E se não o povo todo, pelo menos uma parte do povo, certamente, será arrastada à opressão, à tortura, ao cárcere ou a qualquer outra forma de perdição. Os tiranos não gostam que as pessoas pensem. (Teócrito de Corinto, filósofo grego, século II d.C.)

A direção da escola ainda não se manifestou publicamente sobre o episódio. Indignado(a) com a tentativa de censura que a professora sofreu por propor aos alunos reflexões fundamentais à formação cidadã, você decidiu escrever o texto de um **abaixo-assinado** encaminhado à direção da escola, em nome dos estudantes, no qual deve:

- a) reivindicar que a escola se posicione publicamente em defesa da professora;
- b) reivindicar a manutenção de aulas de Filosofia que tematizem os Direitos Humanos;
- e c) justificar suas reivindicações. Para tanto, você deve

levar em conta tanto o texto acima quanto os excertos abaixo.

1. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

(Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo XXVI, item 2, 1948.)

2.



(Alexandre Beck. Disponível em pa.unicamp.br/direitos-humanos-armandinho-na-upa. Acessado em 24/11/2018.)

3. No que toca aos direitos humanos, a filósofa Hannah Arendt identificou na ruptura trazida pela experiência totalitária do nazismo e do stalinismo a inauguração do *tudo é possível*, que levou pessoas a serem tratadas como supérfluas e descartáveis. Tal fato contrariou os valores consagrados da Justiça e do Direito, voltados a evitar a punição desproporcional e a distribuição não equitativa de bens e situações. Arendt propõe assegurar um mundo comum, marcado pela pluralidade e pela diversidade, o qual, através do exercício da liberdade, impediria o ressurgimento de um novo estado totalitário de natureza. No mundo contemporâneo, continuam a persistir situações sociais, políticas e econômicas que, mesmo depois do término dos regimes totalitários, contribuem para tornar os homens supérfluos e sem lugar num mundo comum, como a ubiquidade da pobreza e da miséria, a ameaça do holocausto nuclear, a irrupção da violência, os surtos terroristas, a limpeza étnica, os fundamentalismos excludentes e intolerantes.

(Adaptado de Celso Lafer, A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 30, São Paulo, p. 55-65, maio/ago. 1997.)

4. O bicho está pegando na educação. Fico pensando em que mundo vivem os que acham que as escolas brasileiras sofrem de “contaminação político-ideológica” comandada por “um exército organizado de militantes travestidos de professores”. É uma baita contradição para quem diz defender a “pluralidade”, e é o caminho oposto dos países de alto desempenho em educação: Estados Unidos (em que alguns Estados oferecem educação sexual desde o século XIX), Nova Zelândia, Suécia, Finlândia e França. No Brasil, querem interditar o debate. Mesma coisa com os estudos indígenas e africanos, classificados aqui como porta de entrada para favorecer “movimentos sociais”. Já na Noruega, o currículo é generoso com o povo *sami*, habitantes originais do norte da Escandinávia. “Doutrinação”, por lá, chama-se respeito à diversidade e às raízes da história do país. Para piorar, o principal evangelista dessa “Bíblia do Mal” seria Paulo Freire. Justo ele, pacifista convicto e obcecado pela ideia de que as pessoas deveriam pensar livremente. Presos na cortina de fumaça da suposta doutrinação, empobrecemos um pouco mais o debate sobre educação.

(Adaptado de Blog do Sakamoto. Disponível em <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br>. Acessado em 05/07/2018.)

Comentário à proposta de Redação

A proposta dividiu-se em duas partes: na primeira, um estudante do Ensino Médio de uma escola estadual teria tomado conhecimento das ofensas e ameaças anônimas que a professora de Filosofia, acusada de doutrinação política, teria recebido após ter iniciado um curso sobre as origens da Cidadania e dos Direitos Humanos modernos, tendo como base um texto do filósofo Teócrito de Corinto, do século II, que defendia o exercício do pensamento como “o maior dos atributos” humanos, classificando como “abuso abominável”, o maior crime que se poderia cometer contra a humanidade, a tentativa de limitar “o pensamento de quem quer que seja”, o que abriria espaço para tiranos cujo despotismo levaria o povo, quando não à morte – por fome, crueldade ou quaisquer formas de injustiça –, “à opressão, à tortura, ao cárcere ou a qualquer outra forma de perdição” – tudo para impedir o livre pensar.

Na segunda parte, revoltado com os ataques e indignado com a tentativa de censura sofrida pela professora por ter proposto “reflexões fundamentais à formação cidadã”, o estudante decide escrever o texto de um abaixo-assinado em nome dos colegas, destinado à direção da escola, reivindicando tanto um posicionamento público da escola, em defesa da

professora , quanto a manutenção de aulas de Filosofia voltadas aos Direitos Humanos. Por último, deveria justificar suas reivindicações, tendo como base, além do texto de Teócrito, quatro textos oferecidos pela Banca Examinadora. O primeiro, extraído da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, determinava que a instrução fosse dirigida, entre outros aspectos, ao “fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais”. Já no segundo, uma charge, um garoto questionava o pai sobre a preocupação excessiva com aquilo que estaria sendo ensinado pelos professores, tendo como resposta o fato de que eles poderiam “ensinar o povo a pensar”. O terceiro texto, adaptado de *A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt*, observava que Arendt propunha, em resposta a regimes como o nazismo e o stalinismo, que se assegurasse um mundo marcado “pela pluralidade e pela diversidade”, que impedisse, por meio do “exercício da liberdade”, o ressurgimento de “um novo estado totalitário”. No último texto, o jornalista Sakamoto indagava “em que mundo vivem os que acham que as escolas brasileiras sofrem de ‘contaminação político-ideológica’ comandada por um exército organizado de militantes travestidos de professores”, algo que iria de encontro ao que estaria sendo feito por países que se destacam na área da educação.

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

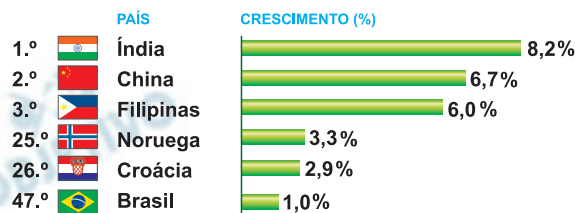
OBJETIVO

REDAÇÃO 2

Sua professora de Geografia abriu um fórum no ambiente virtual da disciplina para discutir o tópico “IDH e crescimento do PIB como indicadores de desenvolvimento” e propôs as seguintes questões: a) Observe a classificação do Brasil nos *rankings* apresentados nos gráficos 1 e 2; b) Interprete os textos 3, 4 e 5; e c) Indique se haveria diferenças no desenvolvimento social do Brasil caso o país optasse por uma política econômica que tenha como consequência uma melhor classificação no *ranking* do IDH ou no *ranking* do crescimento do PIB.

Publique uma **postagem** nesse fórum, na qual, a partir da leitura dos textos indicados abaixo, você deve: **a)** apontar em qual *ranking* o Brasil subiria se privilegiasse os aspectos qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social; **b)** apresentar as consequências de priorizar o consumo para o desenvolvimento social; e **c)** argumentar em favor do seu ponto de vista.

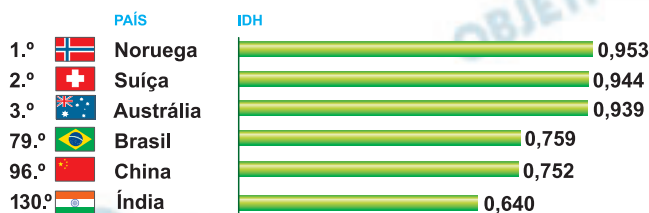
RANKING DO CRESCIMENTO DO PIB



(Dados disponíveis em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/brasil-fica-em-ultimo-em-ranking-de-crescimento-com-47-paises,70002481872>. Acessado em 28/06/2018.)

PIB significa Produto Interno Bruto, medida que representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período.

RANKING DO IDH



(Fonte: PNUD, ed. 14 de setembro de 2018. *Human Development Indices and Indicators - 2018 Statistical Update*.)

IDH significa Índice de Desenvolvimento Humano, medida concebida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população.

3. Um breve conjunto de informações para nos fazer repensar as relações de consumo:

- A indústria da moda é a segunda maior consumidora de água no mundo. Só perde para a do petróleo.
- Estima-se que 17% a 20% da poluição da água industrial vem de tingimento e tratamento têxtil.

- Cerca de 15% a 20% de tecido é desperdiçado a cada peça cortada. E tecido não é reciclável.
- Estima-se que 10% das emissões de gases de efeito estufa provêm da indústria da moda.
- As fábricas de moda consomem mais de 130 milhões de toneladas de carvão/ano para gerar energia.
- Para suprir a demanda do consumo, quase toda matéria-prima utilizada na moda resulta em problema: do algodão, cheio de pesticidas, ao poliéster, oriundo da exploração do petróleo.
- Operários da indústria têxtil em países como China, Índia e Bangladesh trabalham mais de 12 horas por dia e ganham menos do que 100 dólares por mês.
- Cerca de 80% da mão de obra deste mercado são mulheres. E menos de 2% ganham o suficiente para viver em condições dignas. Para ganhar mais, elas chegam a trabalhar mais de 75 horas por semana.

E tem quem ache que o consumismo é um problema individual que só diz respeito à própria conta bancária...

(Adaptado de Nina Guimarães, O consumismo destrói o meio ambiente e incentiva o trabalho escravo. *Metrópoles*, 19/04/2017.)

4. As principais redes de varejo de moda do país associadas à ABVTEX (Associação Brasileira do Varejo Têxtil) já notam a melhora no ânimo dos consumidores. “O cenário é mais favorável, a partir do momento em que há maior disponibilidade de crédito; a inflação está abaixo do esperado, com aumento no poder de compra; e há uma leve redução do desemprego. Esses fatores somados ajudam a elevar a intenção de compra”, aponta Lima, diretor executivo da ABVTEX. A FGV estima que, em 2018, o PIB cresça 2,5%. Esse crescimento deve permanecer liderado pelo consumo.

(Adaptado de Em 2018, crescimento permanecerá liderado pelo consumo, diz FGV. Disponível em <http://www.abvtex.org.br/>.

Acessado em 04/05/ 2018.)

5. Pelo 12º ano consecutivo, só deu ela: a Noruega foi novamente eleita pela ONU como o melhor país do mundo para se viver. Segundo Jens Wandel, diretor do departamento administrativo do Programa de Desenvolvimento da ONU, o sucesso do país consiste em combinar o crescimento de renda com um elevado nível de igualdade. “Ao longo do tempo, a Noruega conseguiu aumentar sua renda e, ao mesmo tempo, garantir que os rendimentos sejam distribuídos de modo uniforme”.

(Adaptado de Índice de Desenvolvimento Humano: o que faz da Noruega o melhor lugar para se viver? *Huffpost Brasil*, 17/12/2015.)

Comentário à proposta de Redação

O candidato deveria supor a seguinte situação: sua professora de Geografia teria aberto um fórum virtual para discutir o tópico “IDH e crescimento do PIB como indicadores de desenvolvimento”, propondo aos estudantes as seguintes questões:

- a) Observar a classificação do Brasil em *rankings* apresentados em dois gráficos;
- b) Interpretar os textos 3, 4 e 5. O texto 3 trazia uma lista de informações sobre os campeões de consumo mundial, destacando a indústria da moda, cuja produção não só revelaria total despreocupação com o meio ambiente, mas também total falta de escrúpulos ao empregar, em vários países, mão de obra em condições análogas à escravidão. Já o texto 4 anunciava uma expressiva melhora no “ânimo dos consumidores”, apontada pelos principais varejistas do setor têxtil, reforçada por uma previsão feita pela FGV sobre o crescimento do PIB, o qual seria liderado pelo consumo. O texto 5 comemorava a eleição da Noruega como “o melhor país do mundo para se viver”, graças à combinação de crescimento de renda com um elevado nível de igualdade.
- c) Indicar possíveis diferenças no desenvolvimento social do Brasil caso o País optasse por uma política econômica que tivesse como consequência uma melhor classificação no *ranking* do IDH ou no *ranking* do crescimento do PIB.

Com base nas respostas a essas questões, que deveriam considerar o conteúdo dos textos indicados, o estudante deveria publicar uma postagem no fórum, seguindo para tanto três instruções:

- a) apontar em qual *ranking* – IDH ou crescimento do PIB – o Brasil subiria se privilegiasse os aspectos qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social;
- b) apresentar as consequências de priorizar o consumo visando ao desenvolvimento social;
- c) argumentar em favor do próprio ponto de vista.

1

“Parábola: s.f. Narrativa alegórica que evoca, por comparação, valores de ordem superior, encerra lições de vida e pode conter preceitos morais ou religiosos.”

(Caldas Aulete, *Dicionário Aulete digital*. Disponível em www.aulete.com.br/parabola. Acessado em 12/07/2018.)

- a) Considera-se que a novela “A hora e vez de Augusto Matraga” tem semelhanças com o gênero parábola. Justifique essa afirmação com base em elementos da cena final da narrativa, relacionando-os com a definição apresentada.
- b) A identidade da personagem Augusto Matraga passa por um processo de transformação ao longo da narrativa. Tal processo é deflagrado por um evento que divide a vida do protagonista em duas fases.

Indique o evento responsável por esse processo de transformação da personagem e explique de que maneira ele afetou a sua identidade.

Resolução

- a) **Parábola é uma narrativa simbólica que transmite um sentido moral indireto por analogia. Nesse conto, a trajetória do protagonista denota e também conota a busca por um significado existencial redentor. Na cena final, Augusto Esteves da Pindaíba morre no combate com o chefe jagunço Joãozinho Bem-Bem, martirizando-se para salvar uma família da vingança de Joãozinho. Esse sacrifício serve também para o protagonista redimir-se, encontrando a sua “hora e vez”, sua “homênia” por motivo de honra, fé e justiça. Essa estória, fábula, conota a redenção do ser humano e também é um subtexto da martirização de Jesus, pois Matraga é o “Homem do Jumento”, expressão que remete à entrada de Cristo, montado num burro, no domingo de Ramos, em Jerusalém.**
- b) **O evento narrativo que altera radicalmente a vida de Augusto Esteves, dividindo-a em duas fases, é o linchamento quase mortal que sofre dos capangas do Major Consilva. A partir desse acontecimento humilhante e quase mortal, o protagonista perde todo o seu poder, deixando de ser o proprietário rural opressor que agia de maneira desregrada e violenta, só pensando em si, desprezando todos. Depois da derrocada, aprende a moderar seu gênio e, em nome da salvação de sua alma, passa a agir preocupado exclusivamente com o próximo, procurando penitenciar-se, no trabalho árduo e na reza intensa. Em resumo, troca o egoísmo prepotente pelo altruísmo servil, penitente.**

2

Atrás dos olhos das meninas sérias

Mas poderei dizer-vos que elas ousam? Ou vão, por injunções muito mais sérias, lustrar pecados que jamais repousam?

O texto acima encontra-se no livro *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar. Leia-o atentamente e responda às questões.

- Indique a quem se referem, no texto, a segunda pessoa do plural (“vos”) e a terceira pessoa do plural (“elas”).
- Por meio da partícula “Ou”, o poema estabelece uma alternativa entre duas situações: a ousadia e a ação de “lustrar pecados”. Explique de que maneira a primeira situação é diferente da segunda, levando em consideração o título do poema.

Resolução

- O pronome de segunda pessoa do plural “vos” refere-se ao leitor do texto. O pronome de terceira pessoa do plural “elas” retoma o substantivo “meninas”, que consta do título do poema.
- No poema, a primeira situação que se estabelece por meio da partícula “ou” é a de ousadia, reveladora de um desejo de transgressão, de ruptura com as convenções de toda a ordem (sociais, morais, religiosas, de gênero). A segunda situação, a de “lustrar pecados”, pode ser entendida como uma contenção desse desejo ousado. No título (“Atrás dos olhos das meninas sérias”), há essa ambiguidade entre o desejo escondido, reprimido de ousadia e a aparência séria, conivente com o estereótipo presumido pela moral conservadora.

Ressalte-se que esse texto de Ana Cristina Cesar apresenta intertextualidade com o poema de Manuel Bandeira, intitulado “Variações sérias em forma de soneto”. Nota-se um procedimento estilístico dessa poetisa chamado “vampiragem”, isto é, a apropriação de textos de outros autores.

(...) Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro recordo-lhe eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos géneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender,

(José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p.12.)

(...) O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era. Parece-me um ponto de vista bastante original, Não o creia, senhor doutor, o rei Salomão, que há muito tempo viveu, já então afirmava que não havia nada de novo debaixo da rosa do sol.

(Idem, p.13.)

(...) Então o senhor doutor acha que a história e a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida, real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se não existisse o *deleatur*, suspirou o revisor.

(Idem, p.14.)

- a) Nos excertos acima, revisor e autor discutem uma questão decisiva para a escrita do romance de José Saramago. Identifique essa questão, presente no diálogo entre as duas personagens, e explique sua importância para o conjunto da narrativa.
- b) No terceiro excerto, o revisor utiliza a palavra *deleatur*. O que significa essa expressão e por que ela é tão importante para o revisor?

Resolução

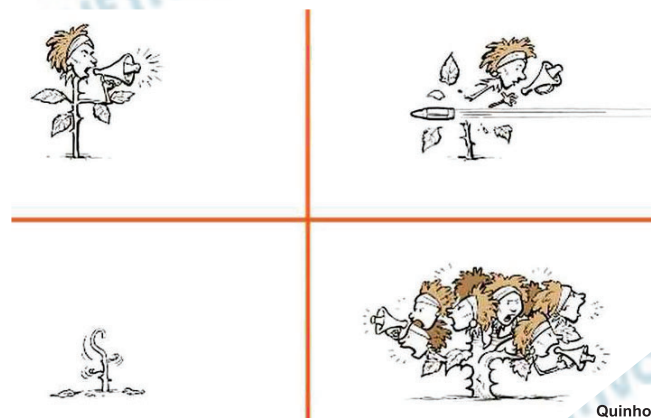
- a) Na abertura do romance *História do Cerco de Lisboa*, há uma conversa entre o revisor Raimundo Silva e o historiador, na qual se discutem, principalmente, o que é Literatura e o que é História. Para o “senhor doutor”, História é vida real, mas, para Raimundo Silva, História é uma forma de literatura em que os detalhes das ações, por exemplo, são omitidos, concentrando-se no relato dos fatos principais. Na narrativa de *História do Cerco de Lisboa*, cria-se uma metaficção historiográfica pós-moderna, apropriando-se de acontecimentos e personagens reais da Idade Média, mas se afastando da mera reprodução de discursos propagadores de ideias consolidadas pela História oficial, pois se problematizam os fatos do passado questionando-os. Nessa revisão ficcional, surgem figuras secundárias, populares, porém importantes. A pos-

sibilidade de reescrever a História oficial transforma não só o revisor Raimundo Silva em autor, como também altera a versão consagrada do cerco a Lisboa, dando-lhe uma visão mais problematizadora e abrangente.

- b) O “deleatur” é um sinal, usado em revisão de textos, indicativo da necessidade de exclusão de letras, palavras ou trechos, isto é, ele é uma marca de supressão. Em latim, “deleatur” significa “destrua-se” e, no contexto do romance *História do Cerco de Lisboa*, é justamente o que Raimundo Silva fará com parte do relato do episódio ocorrido em 1147, qual seja, a derrota dos mouros em Lisboa, eliminando erros não só tipográficos, mas também a versão historiográfica oficial.

4

O texto a seguir, publicado junto com a *charge* abaixo, foi escrito em homenagem a Marielle Franco, mulher negra, da favela, socióloga, vereadora do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, Marielle foi morta a tiros no dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade.



O luto por Marielle me conduz ao poema *A flor e a náusea* de Carlos Drummond, cada dia mais atual, nos lembrando que “o tempo não chegou de completa justiça. O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera”. Ele pergunta: “Posso, sem armas, revoltar-me?”. O inimigo está com a faca, o queijo, os fuzis e as balas na mão, o que aumenta nosso sentimento de impotência. Drummond me mostra a flor furando “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” e, dessa forma, “me salvo e dou a poucos uma esperança mínima”. A poesia, território onde os assassinos não entram, tem esse poder milagroso de colocar ao nosso alcance a arma da razão com muita munição de esperança.

(Adaptado de José Ribamar Bessa Freire, “Uma toada para Marielle: a flor que fura o asfalto”. A charge de Quinho foi encontrada na internet pelo autor da crônica. Disponível em <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1387-uma-toada-para-marielle-a-flor-que-fura-o-asfalto>. Acessado em 03/09/2018.)

- Segundo o dicionário Michaelis, “estar com a faca e o queijo na mão” significa “ter poder amplo e irrestrito”. Como isso aparece no trecho da crônica e na charge?
- Como a ideia de “munição de esperança” está expressa na charge e no poema citado?

Resolução

- a) O “poder amplo e irrestrito” aparece, tanto na charge quanto na crônica, na referência à bala que atinge a flor “Marielle” e ao trecho “O inimigo está com a faca, o queijo, os fuzis e as balas”. A imagem e o texto denunciam o uso da violência armada como instrumento de repressão, cerceamento da liberdade e extermínio de opositores.
- b) Na charge, a flor, depois de executada, torna a germinar e transforma-se em uma árvore com várias flores “Marielles”. Essa metáfora representa a propagação dos ideais defendidos pela vereadora, cujo assassinato originou uma mobilização social pela continuidade de seu trabalho em prol dos direitos humanos. O poema de Drummond, citado na crônica, metaforiza a ideia de esperança na flor que brota no asfalto, a despeito das circunstâncias adversas.

Alguém já escreveu que a internet é um instrumento democrático. Tomada ao pé da letra, essa afirmação é falsa. Eu gostaria de corrigi-la, acrescentando: a internet é um instrumento potencialmente democrático. Para fazer uma pesquisa navegando na *web*, precisamos saber como dominar os instrumentos do conhecimento: em outras palavras, precisamos dispor de um privilégio cultural que é ligado ao privilégio social.

As escolas precisam da internet, mas a internet precisa de uma escola onde o ensino real acontece. A internet não apenas faz referência aos livros, mas pressupõe livros. A leitura fragmentada em palavras e frases isoladas do contexto integral sempre foi parte da leitura de cada um, mas o livro é o instrumento que nos ensina a dominar a extraordinária velocidade da internet – para ser capaz de usá-la, você precisa aprender a “ler devagar”.

Não consigo imaginar que alguém possa aprender sozinho, sem modelos, a prática profundamente artificial da leitura lenta. Daí a internet pressupor não apenas os livros, mas também aqueles que ensinam a ler livros — ou seja, professores em carne e osso.

(Adaptado de “Carlo Ginzburg: a internet é um instrumento potencialmente democrático”. Disponível em <http://www.fronteiras.com/artigos/carlo-ginzburg-a-internet-nao- apenas-remete-aos-livros-como-tambem-pressupoe-livros-1427135419>. Acessado em 02/09/2018.)

- a) De que argumentos o autor se vale para refutar a afirmação de que a internet é um instrumento democrático?
- b) Explique por que a internet pressupõe “professores em carne e osso” e livros.

Resolução

- a) Segundo o autor, a internet é “um instrumento potencialmente democrático”, porque em teoria ela permite o acesso ao conhecimento, porém para que esse potencial se efetive, é necessário que o usuário seja detentor de um certo “privilégio social” que assegure uma formação educacional e cultural de qualidade: “saber dominar os instrumentos do conhecimento”. O acesso, portanto, é irrestrito, porém a ampliação do conhecimento ocorre adequadamente quando o usuário for capacitado pela escola a “ler devagar”.
- b) A internet pressupõe mestres presenciais, que formem criticamente o educando, tornando-o capaz de selecionar, hierarquizar e relacionar conhecimentos por meio de livros do saber sedimentado.

6

O xeque-mate - do persa *shāh māt*: o rei está morto - ocupa uma função controversa nas leis do jogo de xadrez. Trata-se de uma expressão que designa o lance final - é quando um dos reis não tem mais qualquer possibilidade de movimento. De saída, e nisso consiste o primeiro traço de ambivalência da expressão, a rigor, o rei não morre. Pode-se dizer até que o rei agoniza - mas de seu destino quase nada sabemos. Em resumo, o xeque-mate é exatamente, negando o que enuncia a expressão, o lance anterior ao que podemos chamar de morte. Diferentemente do senso comum, que vê grandeza naquele que luta até o último instante - a saber, até a morte -, o jogador de xadrez deve ter a medida de seu esforço. Saber abandonar uma partida no momento certo, portanto, é uma demonstração de domínio da própria derrota. A morte, por jamais tornar-se concreta, fica sendo pura potência. Talvez seja este caráter inacabado - o jogo acaba sempre antes de acabar - que concede, afinal, ao jogo de xadrez, na forma de rito, a possibilidade de um eterno recomeçar.

(Adaptado de Victor da Rosa, “Xeque-mate”. Disponível em <http://culturaebarbarie.org/sopro/verbetes/xequemate.html>. Acessado em 04/09/2018.)

- a) Victor da Rosa afirma que há uma ambivalência na expressão “xeque-mate”. Explique-a.
- b) Explique, com dois argumentos, por que a posição do autor quanto à grandeza do jogo de xadrez contraria o senso comum.

Resolução

- a) **Há, segundo o autor, ambivalência na expressão xeque-mate, visto que o rei derrotado no jogo não morre, ele “agoniza”, não pode mais mover-se. Isso sugere uma morte iminente, que, porém, não se concretiza, permitindo o eterno reinício de partidas.**
- b) **O senso comum, de acordo com o texto, “vê grandeza naquele que luta até o último instante, a saber, a morte”. Entretanto, no xadrez, o jogador deve saber quando aceitar a derrota, o que “é uma demonstração de domínio da própria derrota”. O segundo aspecto de grandeza do jogo é o fato de não se atingir o fim derradeiro do rei, o que permite um “eterno recomeçar”.**